

## GT17: Antropologia e Educação Popular

Spensy K. Pimentel, Ana Paula Morel

Este GT busca reunir trabalhos dedicados a explorar aproximações contemporâneas - bem como eventuais oposições ou contrastes - entre os campos da Antropologia e da Educação Popular, a partir de estudos etnográficos e análises antropológicas. A Educação Popular abarca uma multiplicidade de propostas educativas que partem desde (e estão em diálogo com) os saberes dos povos para a construção de um olhar crítico e transformador. Diante do centenário do pedagogo brasileiro Paulo Freire, faz-se necessário pensar sua contemporaneidade, considerando tanto suas contribuições para o campo antropológico como as transformações que a crítica anticolonial produz no campo da Educação Popular. Propomos reunir, então, trabalhos que pensem antropológicamente como coletivos e movimentos leem e se apropriam da proposta de Paulo Freire e dos "movimentos de educação popular"; trabalhos que transversalizem questões entre saberes dos povos e os saberes ocidentais; trabalhos que tenham como protagonistas sujeitos dissidentes e metodologias educativas e/ou antropológicas transformadoras, levando em consideração a crescente participação de estudantes negras/os, indígenas, quilombolas nos espaços educativos; trabalhos que partem da discussão sobre práticas educativas "autônomas", "emancipadoras", "críticas", "anticoloniais"; trabalhos sobre educação escolar indígena, quilombola, camponesa etc. que dialoguem com o campo da Educação Popular.

### **Potencialidades da educação popular na pesquisa "Boas Práticas de Enfrentamento à Covid-19 em Comunidades e Territórios do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará" (2020-2022)**

**Autoria:** Breno da Silva Carvalho, Ana Gretel Echazú Böschemeier

Derivado da pesquisa "Boas Práticas de Enfrentamento à Covid-19 em Comunidades e Territórios do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará" (CNPq; período: agosto/2020 a julho/2022), o presente artigo recorre à metodologia da educação popular em saúde e busca o fortalecimento do bem viver em sete comunidades tradicionais e movimentos sociais do Nordeste integrantes do projeto: Comunidade Indígena do Amarelão/RN; Comunidades Indígenas de Amarelão (RN), Quiterianópolis e Mundo Novo (CE); Movimento da População em Situação de Rua/RN; Catadoras da Associação ACREVI - Reciclando para a Vida (Mossoró/RN); Pescadores da Vila de Ponta Negra (Natal/RN); Maricultoras de Pitangui/RN e Comunidade Cigana Calon (Sousa/PB). Em 2021, o CNPq, por meio da categoria ADC-2, permitiu o estabelecimento de vínculos formais das lideranças dos grupos com a pesquisa, tornando-as "lideranças pesquisadoras", também percebidas por suas comunidades como autênticos/as pesquisadores/as. Devido à pandemia, a prática etnográfica demandou a realização de encontros remotos com perspectiva educativa - alguns deles de natureza formativa e outros, voltados à articulação. Esta operacionalização foi possível com o uso de aplicativos de vídeos (Google Meet e Stream Yard), combinados a recursos de geolocalização digital (ex.: mapas webs) e à estruturação de redes sociais com informações e orientações sobre a Pesquisa. Tal dinâmica permitiu reconhecer, a partir do diálogo conjunto com as comunidades tradicionais e movimentos sociais, as estratégias coletivas mobilizadas diante do contexto pandêmico, interessadas em articular os "saberes tradicionais" e os "saberes vindos da experiência" com a "narrativa científica" como expressões do direito dos povos à cultura e à ciência. Nesse sentido, a educação popular assume o papel de mediadora dos esforços metodológicos, capaz de aproximar a vivência de populações vulnerabilizadas com o efetivo propósito da descolonização dos saberes e da produção de uma ciência cidadã.

[Trabalho completo](#)



## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

